

RESSALVA

Atendendo solicitação do(a) autor(a), o texto completo desta dissertação será disponibilizado somente a partir de 28/11/2018.

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”

Faculdade de Filosofia e Ciências – Campus de Marília

THAÍS CAROLINE LACERDA MATTOS

**AS DISPUTAS HEGEMÔNICAS ENTRE ESTADOS UNIDOS E CHINA E A
CONSTRUÇÃO DE UMA NOVA ORDEM MUNDIAL**

Marília – SP

2016

THAÍS CAROLINE LACERDA MATTOS

**AS DISPUTAS HEGEMÔNICAS ENTRE ESTADOS UNIDOS E CHINA E A
CONSTRUÇÃO DE UMA NOVA ORDEM MUNDIAL**

Dissertação apresentada para a obtenção do Título de Mestra em Ciências Sociais, na Linha de Relações Internacionais e Desenvolvimento, do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia e Ciências, da Universidade Estadual Paulista – UNESP, Campus de Marília.

Orientador: Prof. Dr. Tullo Vigevani

Marília – SP

2016

Mattos, Thaís Caroline Lacerda.

M444d As disputas hegemônicas entre Estados Unidos e China e a construção de uma nova ordem mundial / Thaís Caroline Lacerda Mattos. – Marília, 2016.

139 f.; 30 cm.

Orientador: Tullo Vigevani.

Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais) – Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Filosofia e Ciências, 2016.

Bibliografia: f. 128-139

1. Estados Unidos – Relações exteriores. 2. China – Relações exteriores. 3. Hegemonia – Pacífico, Oceano. 4. Geopolítica. I. Título.

CDD 327.73051

**AS DISPUTAS HEGEMÔNICAS ENTRE ESTADOS UNIDOS E CHINA E A
CONSTRUÇÃO DE UMA NOVA ORDEM MUNDIAL**

THAÍS CAROLINE LACERDA MATTOS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual Paulista/UNESP – Campus Marília, como requisito para obtenção do título de Mestra em Ciências Sociais.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Tullo Vigevani (Coordenador)

Prof. Dr. Marcos Cordeiro Pires (Universidade Estadual Paulista – UNESP)

Prof. Dr. Gustavo Enrique Santillán (Universidade Nacional de Córdoba – UNC)

Arguidor Convidado

Prof. Dr. André Luis Scantimburgo

SUPLENTE

Prof. Dr. Luis Antonio Paulino (Universidade Estadual Paulista - UNESP)

Marília, 28 de novembro de 2016.

AGRADECIMENTOS

A obtenção do título de Mestre não seria possível sem os constantes intercâmbios de conhecimentos e experiências obtidas pelo contato diário com o pessoal do ambiente universitário – sejam profissionais do quadro docente, de funcionários que permitem o acontecimento de inúmeras atividades e projetos que ocorrem na instituição, ou de colegas discentes – mas também naqueles onde essas trocas também acontecem, como nos congressos e seminários (nacionais e internacionais), onde pude agregar em minha vida acadêmica não somente novas perspectivas teóricas, como também novos amigos. Fundamental também foi o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), que tornou possível o desenvolvimento da pesquisa “A Disputa Hegemônica entre Estados Unidos e China no Alvorecer do Século XXI”, a qual resultou a presente dissertação, por meio da concessão da Bolsa de Mestrado (Processo: 2014-15993-8) no período de 24 meses. Foi um importante auxílio que viabilizou a maior fluência da minha atividade em pesquisa na pós-graduação. Por isso tudo, meus agradecimentos.

É necessário também que eu agradeça à minha amada família, por renovarem as minhas forças sempre quando precisei e pelo incentivo constante, em especial, à minha mãe Antônia Lacerda e ao meu pai, Valdemir Lacerda.

Agradeço grandemente ao professor Marcos Cordeiro Pires por viabilizar importantes materiais que me auxiliaram na pesquisa sobre a China, pelo apoio acadêmico, e por celebrar comigo todas as pequenas conquistas, desde a minha graduação, quando foi meu orientador. “É nós, Corinthia”!

Meu agradecimento especial vai ao meu orientador, prof. Tullo Vigevani, por acreditar na seriedade do meu trabalho e pela rica experiência compartilhada. Seu exemplo de humildade e humanidade eu seguirei por toda a minha vida. Também não posso deixar de agradecer ao Instituto Confúcio na UNESP, na figura do professor Luis Antonio Paulino, pelo apoio prestado sempre que se fez necessário.

Muito obrigada aos professores da banca examinadora, Gustavo Santillán e André Luis Scantimburgo, pela presença e pelas valiosas observações sobre meu texto.

Gratidão às amigas e aos amigos que caminham comigo, poucos, porém leais.

Por fim, mais uma vez, desde a minha graduação em Ciências Sociais, agradeço aos brasileiros que financiaram meus estudos na UNESP durante o período da realização do mestrado, mesmo que não cientes disso. Espero sempre poder retribuir com meu trabalho e dedicação.

RESUMO

As relações sino-americanas serão, talvez, o mais importante conjunto de relações no futuro próximo. Elas tenderão a moldar as relações internacionais nas próximas décadas e quase todos os outros conjuntos de relações poderão ser considerados sob a perspectiva do quadro sino-americano. A Ásia Oriental, sob o impacto da ascensão da China, é um palco de disputa no cenário das relações entre os dois países no novo século. Atualmente, a China é vista como uma potência regional, tem exercido crescente influência no cenário internacional e tem sido alvo de especulações quanto aos possíveis intentos em tornar-se a grande potência mundial hegemônica, substituindo os Estados Unidos, fato este que a liderança chinesa refuta. Com o intuito de criar um clima estável para o seu projeto de desenvolvimento, a China lançou a estratégia de “Desenvolvimento Pacífico”. Em contrapartida, os Estados Unidos vem se reposicionando na ordem internacional priorizando a região de maior potencial de crescimento do globo, particularmente no contexto em que a China assume maior proeminência: a Ásia-Pacífico. Daí a divulgação da estratégia de “Pivô para a Ásia”, uma maneira de tentar estender sua posição hegemônica por meio da contenção da China. É o choque entre as duas estratégias o centro de nosso trabalho.

Palavras-chave: China. Estados Unidos. Hegemonia. “Pivô” para a Ásia. “Desenvolvimento Pacífico”. Ásia Oriental.

ABSTRACT

The Sino-US relations will be perhaps, the most important set of relationships in the near future. They tend to shape international relations in the coming decades and almost all other sets of relations can be considered from the perspective of Sino-American framework. The East Asia under the impact of China's rise, is a stage for disputes in relations between the two countries in the new century. Currently, China is seen as a regional power, it has exerted increasing influence in the international arena and it has been the subject of speculation about possible attempts to become the great hegemonic world power replacing the United States, a fact that the Chinese leadership refutes. In order to create a stable environment for your development project, China launched the strategy of "Peaceful Development". In contrast, the United States has repositioned itself in the international order prioritizing the region which has the greatest potential for growth in the world, particularly in the context in which China takes a greater prominence: the Asia-Pacific. Hence the disclosure of the "Pivot" to Asia strategy, a way to try to extend its hegemonic position through the containment of China. The clash between the two strategies is the center of our thesis.

Keywords: China. United States. Hegemony. "Pivot" to Asia. "Peaceful Development". East Asia.

LISTA DE SIGLAS

- ADB** – *Asian Development Bank* (Banco Asiático de Desenvolvimento)
- AEM 3** – *ASEAN+3 Economic Ministers*
- AIIB** – *Asian Infrastructure Investment Bank* (Banco Asiático Investimento e Infraestrutura)
- A2/AD** – *anti-access/área-denial*
- APEC** – *Asia-Pacific Economic Cooperation* (Cooperação Econômica Ásia-Pacífico)
- ASB** – *Air Sea Beattle* (Batalha “Mar e Ar”)
- ASEAN** – *Association of Southeast Asian Nations* (Associação das Nações do Sudeste Asiático)
- BRICS** – *Brazil, Russia, India, China, South Africa*
- CELAC** – Comunidade de Estados Latino-Americanos e Caribenhos
- CEPEA** – *Comprehensive Economic Partnership for East Asia* (Parceria Econômica Abrangente para a Ásia Oriental)
- CIA** – *Central Intelligence Agency* (Agência Central de Inteligência)
- CPA** – Corte Permanente de Arbitragem
- CSA** – Ciclos Sistêmicos de Acumulação
- DoD** – *Department of Defense* (Departamento de Defesa)
- DPI** – Direitos de Propriedade Intelectual
- EAFTA** – *East Asia Free Trade Area* (Área de Livre Comércio da Ásia Oriental)
- EAS** – *East Asia Summit* (Cúpula do Leste Asiático)
- ECS ADIZ** – *East China Sea Air Defense Identification Zone* (Zona de Identificação de Defesa Aérea do Mar da China Oriental)
- ELP** – Exército de Libertação Popular
- FAWC** – *Foreign Affairs Work Conference* (Conferência de Trabalho sobre Relações Exteriores)
- FMF** – *Foreign Military Financing* (Financiamento Militar Externo)
- FMI** – Fundo Monetário Internacional
- FTAAP** – *Free Trade Area of the Asia Pacific* (Área de livre-comércio da Ásia Pacífico)
- JOAC** – *Joint Operational Access Concept* (Conceito Conjunto de Acesso Operacional)
- MLE** – *The Southeast Asia Maritime Security Law Enforcement Initiative* (Iniciativa de Aplicação da Lei de Segurança Marítima do Sudeste Asiático)
- MSI** – *Southeast Asia Maritime Security Initiative* (Iniciativa de Segurança Marítima no Sudeste Asiático)

NMMPR – *New Model of Major Power Relationships* (Novo Modelo de Relacionamento entre Grandes Potências)

NSA – *National Security Agency* (Agência de Segurança Nacional)

NSS – *National Security Strategy* (Estratégia de Segurança Nacional)

OBOR – *One Belt, One Road*

OCS – Organização de Cooperação de Shangai

OIC – Organização Internacional do Comércio

OMC – Organização Mundial do Comércio

ONU – Organização das Nações Unidas

OTAN – Organização do Tratado do Atlântico Norte

PCCh – Partido Comunista Chinês

PCUS – Partido Comunista da União Soviética

PNAC – *Project for the New American Century* (Projeto para o Novo Século Norte-Americano)

RPC – República Popular da China

SCO – *Shanghai Cooperation Organisation* (Organização da Cooperação de Shangai)

TPP – *Trans-Pacific Partnership* (Parceria Transpacífica)

TTIP – *Transatlantic Trade and Investment Partnership* (Parceria Transatlântica de Comércio e Investimento)

UNCLOS – *United Nations Convention on the Law of the Sea* (Convenção das Nações Unidas sobre o Direito do Mar)

URSS – União das Repúblicas Socialistas Soviéticas

USAID – *US Agency for International Development* (Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional)

WASP – *White Anglo-saxon Protestant* (Branco, Anglo-saxão, Protestante)

ZEE – Zonas Econômicas Especiais

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
1.1	Referencial teórico	22
1.1.1	Fernand Braudel e a análise estrutural sob a perspectiva da longa duração	24
1.1.2	A expansão da economia capitalista e o “Sistema Mundo”	28
1.1.3	Giovanni Arrighi e os “Ciclos Sistêmicos de Acumulação”	30
1.1.4	Antonio Gramsci e o conceito de hegemonia	33
1.1.5	Robert Cox: hegemonia e relações internacionais	36
2	A POLÍTICA EXTERNA NORTE-AMERICANA NA ORDEM MUNDIAL HEGEMÔNICA: DO “DESTINO MANIFESTO” ÀS POLÍTICAS DE CONTENÇÃO DA CHINA	40
2.1	O sentido “excepcional” dos Estados Unidos	41
2.2	Estratégias dos Estados Unidos para a manutenção da sua hegemonia mundial	50
2.2.1	Uma hegemonia aparentemente incontestada	51
2.3	A evolução das relações sino-americanas no contexto histórico	62
2.3.1	A estratégia norte-americana de reequilíbrio (<i>rebalance</i>) ou “pivô para a Ásia”	74
2.3.1.1	<i>Tratados de livre-comércio na Ásia-Pacífico e as características da Parceria Transpacífica (TPP)</i>	78
2.4	Considerações parciais	81
3	DA CHINA DE “TUDO SOB O CÉU” À ESTRATÉGIA DO “DESENVOLVIMENTO PACÍFICO”	83
3.1	Aspectos estruturais da “excepcionalidade” chinesa	83
3.1.1	Desenvolvimento Pacífico <i>versus</i> Hegemonia	91
3.2	A política externa chinesa voltada aos Estados Unidos	100
3.2.1	Elementos da diplomacia chinesa contemporânea	103
3.2.1.1	<i>Adequando a diplomacia aos desafios do século XXI</i>	107
3.3.	A Ásia Oriental como palco da disputa hegemônica entre a China e os Estados Unidos	110

3.3.1 O conflito potencial frente às disputas territoriais no Mar do Sul da China	114
3.4 Considerações parciais	120
CONSIDERAÇÕES FINAIS	122
REFERÊNCIAS	128

1 INTRODUÇÃO

*Fôssemos infinitos
Tudo mudaria
Como somos finitos
Muito permanece.*
(Bertolt Brecht – *Poemas 1913-1956*).

O contorno da ordem internacional do século XXI tende a se moldar no entorno do posicionamento de duas grandes potências: os Estados Unidos e China. Estimativas indicam que até 2025 a economia chinesa irá suplantar a economia dos Estados Unidos, tanto em paridade de poder de compra, como em dólares correntes. Frente à ascensão do gigante asiático e à aparente decadência dos Estados Unidos, é lícito projetar que ambos os países possam iniciar uma disputa hegemônica, primeiro no contexto asiático e, posteriormente, em escala mundial. Historicamente, quando ocorre este cruzamento de curvas, a ascendente (da China) e a descendente (dos EUA), verifica-se a ocorrência de conflitos que somente terminam com a supremacia de um dos contendores, mas isso não é inevitável, pois o relacionamento de grandes potências também pode ser permeado por arranjos políticos que tentam evitar a eclosão de conflitos. A História nos mostra que podem ser estabelecidas relações baseadas em um “equilíbrio de poder”, quando se firmam pactos formais e informais que garantem a estabilidade do sistema, ou um padrão de “guerra fria”, quando duas superpotências militares evitam o conflito direto sem deixar de desenvolver capacidades agressivas e defensivas e também de envolver terceiros países no embate hegemônico.

Observando o atual estado da relação entre Estados Unidos e China, nota-se a intenção chinesa de evitar tanto o “equilíbrio de poder”, característico da maior parte do século XIX europeu, como a “guerra fria”, que caracterizou grande parte da segunda metade do século XX. Ao buscar o seu “desenvolvimento pacífico” o governo chinês criou um novo paradigma: o de um “novo tipo de relacionamento entre grandes potências”, que busca evitar a confrontação e abrir caminhos para um relacionamento cooperativo.

Enquanto intenção, o discurso chinês está calcado em seu interesse de não desviar recursos de seu projeto de desenvolvimento, mas nada garante que a liderança dos Estados Unidos adira a este princípio e nivele seu *status* ao tamanho de um competidor em potencial,

pois tal como assinalou Henry Kissinger, apesar de reconhecer as limitações no exercício de poder por parte dos Estados Unidos, é muito difícil supor que o país aceite qualquer arranjo que não seja a hegemonia:

[...] Os Estados Unidos confrontam-se agora com o desafio de alcançarem os seus objetivos por etapas, sendo cada uma delas uma amálgama de valores americanos e de necessidades geopolíticas. Uma das novas necessidades é a de que um mundo com vários estados de força comparável tem de basear a sua ordem num determinado conceito de equilíbrio – uma ideia como a qual os Estados Unidos nunca se sentiram à vontade. (KISSINGER, 1994, p. 13).

Ademais, desde a sua formação, a nação norte-americana é imbuída de um sentimento de excepcionalidade que condiciona suas ações, acreditando que seus valores e suas políticas advêm de um suposto estatuto divino que lhe confere a legitimidade para pregar as suas convicções como se fossem valores universais e/ou naturais. Nesse sentido, qualquer formação política que não esteja baseada nos princípios da democracia representativa, do direito de propriedade e nos chamados “direitos do homem” não possui legitimidade e, portanto, deve ser forçado/estimulado a se reformar, tal qual argumenta Ashok Nath: “Não existe outro caminho a seguir além de uma genérica ordem mundial em que cada país é forçado a ter a mesma interpretação de democracia que os EUA?” (NATH, 1999, apud JOHNSON, 2007, p. 308).

De forma similar, é interessante notar que os chineses, por vias distintas, também ressaltam a sua excepcionalidade. Por mais de dois mil anos os dirigentes chineses julgavam que seu sistema político e moral eram superiores aos dos demais países do planeta, acreditando que seu imperador era mandatário do Céu, o que implica supor que tudo que se encontra debaixo do céu era considerado objeto de seu domínio. Alain Peyrrefitte (1997) em seu “Império Imóvel” descreve com maestria a perspectiva da corte chinesa frente à visita de seus supostos súditos do extremo ocidente, no caso, a Embaixada de George Macartney em nome do Rei Jorge III, em 1792.

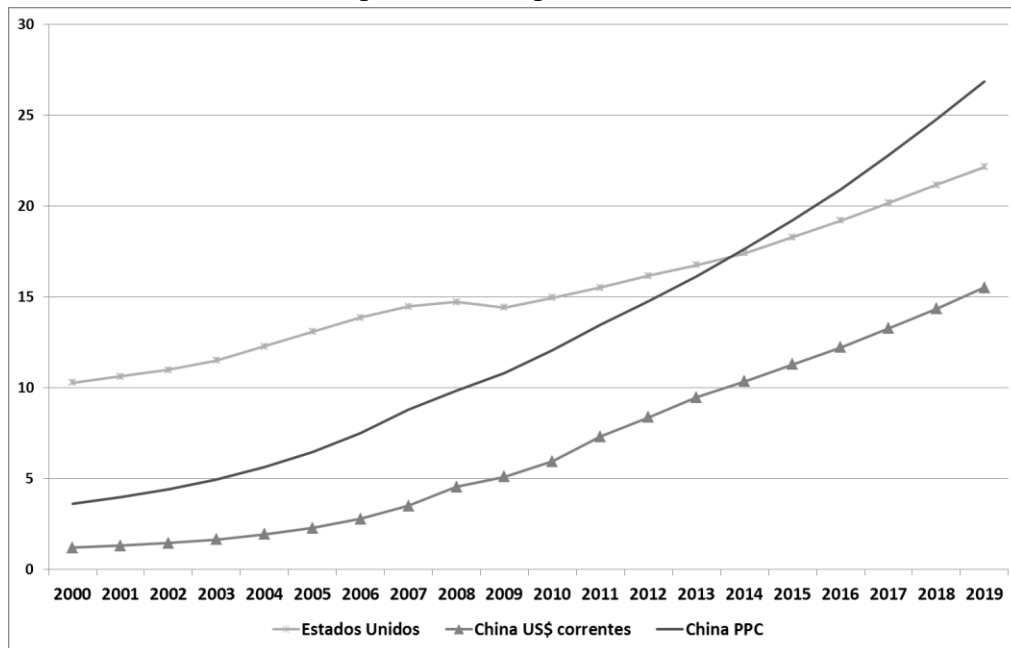
É importante assinalar que uma disputa hegemônica já no início do século XXI possui contornos muito distintos de outras épocas em que a confrontação militar se mostrou o argumento de “última instância”. Por mais que os Estados Unidos sejam a maior potência militar da história, cujo orçamento é mais que quatro vezes maior do que o do segundo colocado, no caso, a China, entre os anos 2014 – 2015 (TAYLOR, 2015; RAJENDRAN, 2016; LENG, 2016) a existência de arsenais nucleares tende a refrear o recurso a uma guerra total. A experiência da Guerra Fria já demonstrou, para ambos os lados daquele conflito, que

apesar do peso estratégico de milhares de ogivas nucleares ou de um grande arsenal de mísseis e submarinos nucleares, isso nunca se mostrou como opção para viabilizar a vitória sobre o oponente. Uma guerra nuclear significaria a extinção da espécie humana. Ademais, outra lição desse período foi aprendida pela extinta União Soviética: empreender uma corrida armamentista com uma economia muito mais forte acabou por exaurir a capacidade econômica do país mais fraco. Por fim, mas não menos importante nessa questão, é o fato de que a Guerra Fria se deu num contexto em que havia uma confrontação entre modelos econômicos antagônicos ligados por um ténue fluxo comercial, diferentemente de uma economia globalizada na qual os Estados Unidos e a China são os seus principais motores. Um conflito desse nível poderia arruinar a economia mundial como um todo. Logo, esta equação é de difícil solução.

Os termos dessa possível disputa hegemônica são determinados pela forte expansão das capacidades materiais da China. Isto porque, quando observamos a evolução da ordem mundial deste o começo do século XXI, o evento de maior destaque e de maior potencial disruptivo é a ascensão política e econômica da nação asiática. No intervalo de aproximadamente 35 anos, entre 1980 e 2015, a China expandiu sua economia num ritmo que não tem paralelo na História da economia mundial. Nesse intervalo de tempo, o país cresceu em média 9% ao ano. Mesmo enfrentando os efeitos recessivos da crise financeira mundial de 2007-2009, o país continuou apresentando robustas taxas de crescimento econômico. Depois de 2009, com a forte redução do comércio internacional, o motor da economia chinesa foi o investimento em infraestrutura. Em 2013, diante a criação de grande capacidade ociosa, o governo chinês passou a incentivar a expansão do mercado doméstico, o que implicou numa queda considerável do ritmo de crescimento, cuja taxa passou a se situar em torno de 7%, naquilo que os chineses denominam de novo normal (HU, 2015).

O resultado de décadas de crescimento econômico ininterrupto fez com que a China rapidamente superasse os seus concorrentes em diversos aspectos, rivalizando rapidamente com os Estados Unidos ao superar este país em produção física, medida em termos de paridade de poder de compra, e apontando para a superação de seu PIB em dólares correntes (Gráfico 1).

Gráfico 1. Evolução do PIB de Estados Unidos e China em dólares correntes e paridade de poder de compra – 2000-2019.



Fonte: International Monetary Fund.(World Economic Outlook Database, October 2014).

Destaca-se que 2014 foi o ano em que a produção chinesa superou a dos EUA. Não há consenso entre os analistas econômicos em definir quando será o momento em que a China superará os Estados Unidos em termos nominais. Para a revista *The Economist* (2014) se prevê que a superação ocorrerá no ano de 2021. Já a revista *Forbes*, por meio do analista Patton (2016), indica que o ano da virada será 2018.

De qualquer forma, a China já é a número 1 do mundo em diversos aspectos, tal como demonstra o professor Graham Allison que, em depoimento à Comissão do Senado sobre Forças Armadas dos Estados Unidos, apresentou uma lista acerca dos quesitos econômicos e sociais nos quais a China havia se tornado a principal potência mundial, superando os Estados Unidos (Quadro 1).

Quadro 1. Quesitos em que a China superou os Estados Unidos. Entre parênteses, o ano em que o fato ocorreu.

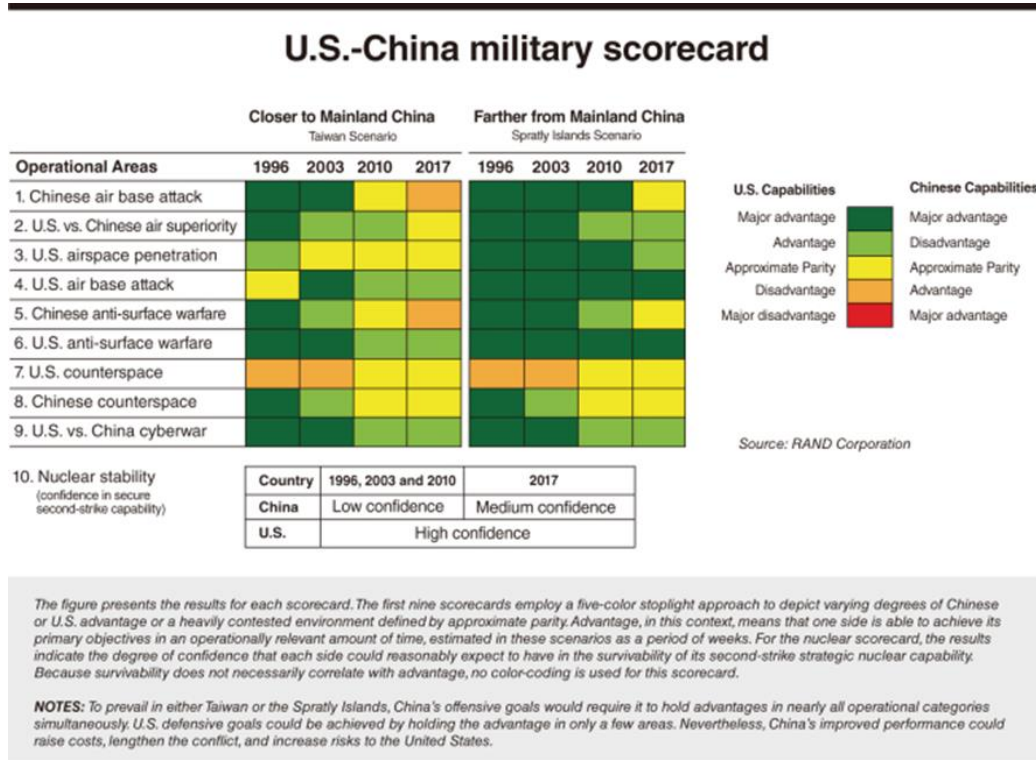
Maior produtor industrial: (2011)	Mercado de Smartphones: (2012)
Exportador: (2009)	Mercado de E-commerce: (2013)
Nação comercial: (2012)	Mercado de bens de luxo: (2013)
Principal motor do crescimento da economia global: (2010)	Usuários da Internet: (2008)
Detentor de títulos da dívida dos EUA: (2008)	Supercomputador mais rápido: (2010)
Destino de IDE: (2014)	Detentor de reservas em moeda estrangeira: (2006)
Consumidor de energia: (2010)	Número de IPOs: (2007)
	Rankings de educação (Shanghai): (2009)

Importador de óleo: (2012) Emissor de carbono: (2006) Mercado de automóveis: (2009) Produtor de aço: (2010) Produtor de algodão: (2008)	Maior rede ferroviária de alta velocidade: (2014) Maior mercado de energia solar: (2013) Pedidos de patentes (# arquivados no país): (2011) Primeiro satélite para telecomunicação quântica (2016) *
---	---

Fonte: ALLISON (2015).
 * Adicionado pela autora.

O aumento da capacidade produtiva, tecnológica e financeira da China tem servido para aprimorar sua capacidade de defesa frente aos concorrentes asiáticos, como o Japão, mas também frente aos Estados Unidos. Conforme a informação extraída de um relatório prospectivo do importante *think tank* norte-americano, a “*Rand Corporation*”, as vantagens militares dos Estados Unidos frente à China mostram-se declinantes não apenas na hipótese de uma guerra próxima ao continente, como seria um eventual conflito envolvendo Taiwan, mas também com relação a uma guerra no Mar do Sul da China em um possível cenário de conflito nas Ilhas Spratly (Figura 1).

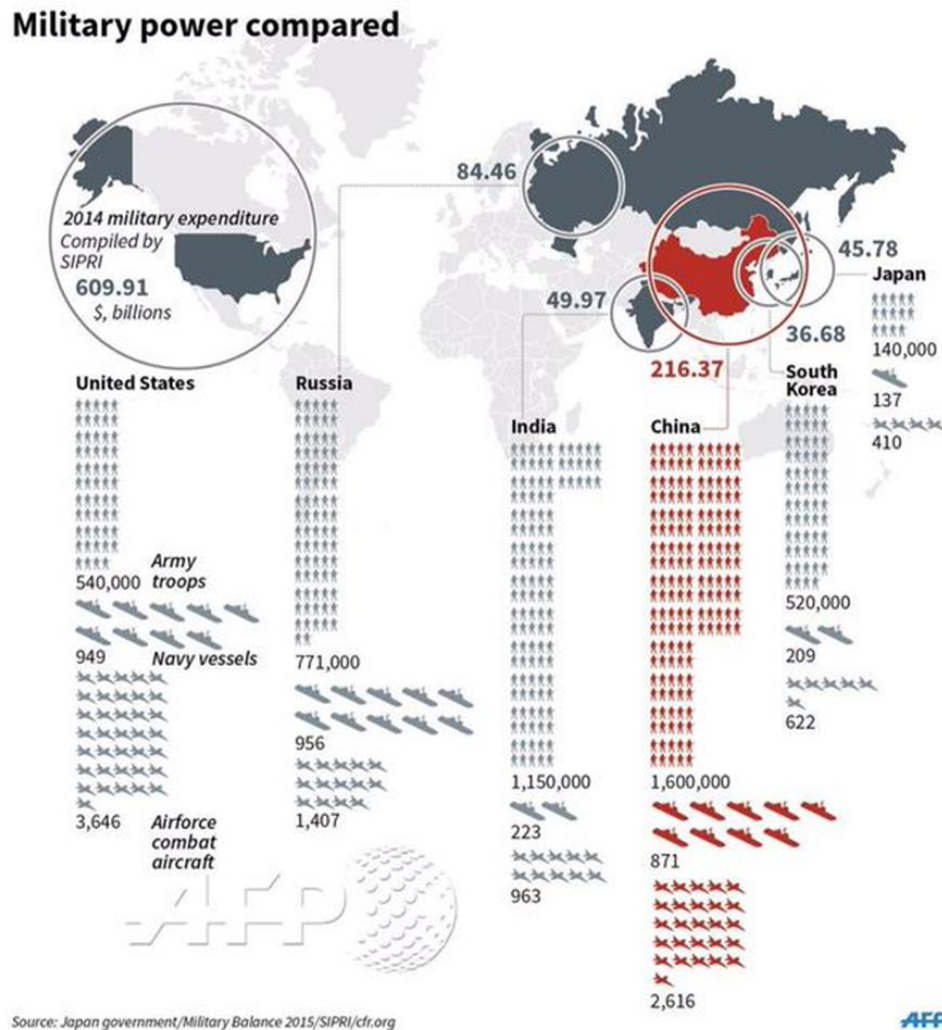
Figura 1. Quadro comparativo e prospectivo das Capacidades Militares de China e Estados Unidos frente a um eventual conflito na Ásia.



Fonte: Rand Corporation (2015).

A expressiva capacidade militar da China também pode ser visualizada quando se trata de comparar seus recursos bélicos com o de outras nações que possuem interesse na região da Ásia-Pacífico, como Estados Unidos, Rússia, Índia, Japão e Coreia do Sul (Figura 2).

Figura 2. Quadro comparativo das forças armadas de China, Estados Unidos, Rússia, Índia, Japão e Coreia do Sul. (2014)



Fonte: SIPRI, 2014, apud AFP, 2015.

Nota-se que a preponderância militar dos Estados Unidos é notadamente indiscutível com relação ao nível de tecnologia e à quantidade de equipamentos disponíveis. Na guerra moderna, mais do que tropas, são necessários recursos materiais de ponta. Para 2015 o orçamento militar dos EUA excedia em 40% a soma dos recursos de China, Rússia, Índia, Japão e Coreia do Sul. Entretanto, tal como assinalamos anteriormente, o rápido desenvolvimento da China, tanto econômico como tecnológico, tem viabilizado os meios com os quais o país busca estreitar a lacuna militar com os Estados Unidos.

É importante destacar que a liderança chinesa diz não se colocar como um competidor em escala mundial frente aos Estados Unidos, mas como uma potência global responsável com grande força de atuação em seu entorno geográfico, a Ásia Oriental. Entretanto, conforme discutiremos mais adiante, apesar do incremento de suas capacidades, o governo chinês insistentemente refuta qualquer intenção hegemônica nesta parte do mundo. No entanto, seus vizinhos observam com desconfiança a sua ascensão.

Tal como mencionamos anteriormente, tendo em vista a criação de um ambiente estável para o seu projeto de desenvolvimento, a China lançou a estratégia de “Desenvolvimento Pacífico”. Em contrapartida, os Estados Unidos vem se reposicionando na ordem internacional priorizando a região de maior potencial de crescimento do globo, particularmente no contexto em que a China assume maior proeminência: a Ásia-Pacífico.

Consideradas por alguns estudiosos como G2 (BUSH, 2011; GARRET, 2010; BRZEZINSKI, 2012), as relações sino-americanas podem ser caracterizadas como relações altamente complexas, visto que envolve potências nucleares, membros permanentes do Conselho de Segurança da ONU que possuem forte presença na economia internacional e alto nível de interações políticas e econômicas, mas que também possuem divergências acentuadas em importantes temas que afetam a ordem internacional. Tal relação pode se encerrar no binômio contenção-engajamento (PECEQUILO, 2012), por ser “complementar e competitiva a um só tempo e, simultaneamente, ela é econômica e militar” (FIORI, 2007, p. 150), por isso o alto grau de contradição e complexidade. De acordo com Chalmers Johnson:

Desde os anos a partir do fim de Guerra Fria e até o presente, tem havido claramente desentendimento, e até mesmo um amargo rancor, dentro dos escalões mais altos do governo americano – da Casa Branca ao Congresso e ao Pentágono – em relação à política para a China. Em grande parte a questão tem sido, como disse o presidente Clinton, sustentar uma política de **‘engajamento’** com a República Popular – ou seja, enfatizar o comércio como um instrumento para trazer o país para um sistema regional ainda dominado pelos Estados Unidos – ou, como disse o congressista americano Christopher Cox, sustentar uma política de **‘contenção’** – ou seja, tornar a China o inimigo em torno do qual o sistema regional americano deve se organizar – ou mesmo uma inconcebível combinação das duas coisas. (JOHNSON, 2007, p. 204, grifo nosso).

Com as expectativas de um reordenamento mundial baseado em um sistema multipolar e anti-hegemônico, a liderança norte-americana tem se preocupado principalmente por conta de um maior protagonismo chinês nas relações internacionais. Vale lembrar que a atuação da China no Grupo dos BRICS e na Organização de Cooperação de Shangai (OCS) tem buscado

a criação de uma ordem internacional democrática e multipolar, o que indiretamente questiona a ordem internacional hegemônica pelos EUA¹.

Para o ex-secretário de defesa dos Estados Unidos, Leon Panetta (2013), a mudança de postura estratégica focada na Ásia-Pacífico justifica-se pela garantia da prosperidade e seguridade futuras do país frente ao rápido crescimento econômico naquela região, além de, concomitantemente, para defender que a seguridade naquela região seja mais completa para reequilibrar os interesses estratégicos dos Estados Unidos. Para isso, além do fortalecimento de alianças e associações, Panetta menciona a intensificação de exercícios militares bilaterais e multilaterais liderados pela ASEAN², não destinando o estabelecimento de novas bases permanentes, mas sim, o fortalecimento de seus sócios e aliados, encerrando uma maior presença rotativa nos oceanos Pacífico e Índico.

Ainda segundo Panetta (2013), para complementar a busca norte-americana de “reequilíbrio”, uma estratégia de longo prazo será a de projeção de forças norte-americanas na região do Pacífico com o aumento da sua frota naval em 60% até o ano de 2020, visando lograr desta forma, a existência de uma região pacífica e próspera no século XXI. Cabe ainda salientar que ele defende uma relação saudável com China, baseada no diálogo “sustentado e substancial” para que se evite qualquer “erro de cálculo” (PANETTA, 2013, n.p.).

É importante observar que tanto a China quanto os Estados Unidos possuem claros objetivos e interesses na região aqui considerada, tal como iremos tratar no desenvolvimento de nossa pesquisa. No mesmo momento em que se verifica a movimentação dos EUA em se reposicionar na região da Ásia-Pacífico para conter a China, o país asiático tem se preocupado com seu entorno regional ao buscar, desde os anos 1990, estreitar laços com seus vizinhos a fim de promover cooperação e desenvolvimento para a região e também expandir seus mercados. Recentemente, o empreendimento de “One Belt, One Road³” e a criação do Banco Asiático de Investimento e Infraestrutura (AIIB) são exemplos dessa investida.

A crescente competição entre China e EUA teve, a partir da crise econômica que se delineava desde 2007, um elemento adicional relacionado às dificuldades políticas e econômicas enfrentadas pelos EUA. A esse respeito, Giovanni Arrighi (2008, p. 175) faz a seguinte observação:

¹ MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES. BRICS e África: Parceria para o Desenvolvimento, Integração e Industrialização - Declaração de e-Thekwini. V *Cúpula do BRICS*. Durban, 27 mar. 2013.

² A *Association of Southeast Asian Nations* (1967) é composta pelos seguintes países membros: Indonésia, Malásia, Filipinas, Singapura, Tailândia, Brunei, Myanmar, Camboja, Laos, e Vietnã.

³ Trata-se a iniciativa de se criar infraestruturas que viabilizem a integração na Ásia Central e no Oceano Índico que se relacionam às antigas “rotas da seda”, a partir das quais a economia chinesa se integrava com regiões distantes de seu território, como a Índia, a Península Arábica, a costa Oriental da África, o Oriente Próximo, e a Europa.

A resistência norte-americana ao ajuste e à acomodação concretizou-se, de forma mais extremada do que todos esperavam, no Projeto para o Novo Século Norte-Americano⁴, cuja primeira experiência desastrosa no Iraque precipitou a crise terminal da hegemonia dos Estados Unidos e consolidou ainda mais a transmissão do poder econômico global para a Ásia oriental. (ARRIGHI, 2008, p. 175).

Assim, tem-se um pano de fundo complexo e envolto por interesses econômicos, políticos, estratégicos e de segurança que não envolve apenas os interesses entre China e Estados Unidos, mas também os interesses dos demais países situados na região e o próprio equilíbrio das relações internacionais.

A ascensão política e econômica da China e as estratégias de manutenção da proeminência norte-americana no cenário internacional suscitam um debate acadêmico de grande dimensão e complexidade que permeia as Ciências Políticas, qual seja, os impactos sobre a ordem internacional das possíveis disputas hegemônicas entre a potência em ascensão e a potência em decadência.

Nesse sentido, a hipótese inicial defendida nesta pesquisa é a de que, no contexto de uma disputa hegemônica entre Estados Unidos e China na região da Ásia Pacífico, considerando os riscos decorrentes das grandes capacidades econômicas e militares da China, além dos efeitos catastróficos decorrente de uma guerra termonuclear, os Estados Unidos não tomariam nenhuma medida política, econômica ou militar direta contra a China, revivendo o período mais tenso da Guerra Fria, mas buscaria conter o “Desenvolvimento Pacífico” da China ao acirrar rivalidades entre a China e outros países da região, não apenas por conta de disputas territoriais, mas também por rivalidades históricas, como as existentes com relação ao Japão ou ainda com relação a Taiwan. Daí a estratégia dos EUA poder ser caracterizada como um *tertius gaudens* (o “terceiro que se beneficia”, em português), que alcançaria seus objetivos por meio da ação direta de outras nações.

O objetivo da presente dissertação é o de analisar os vetores de uma possível disputa hegemônica entre os Estados Unidos e a China, já que se parte do pressuposto de que a ascensão da China tende a provocar transformações na ordem internacional, impactando diretamente os interesses dos Estados Unidos na região da Ásia-Pacífico. Em suma, trata-se de confrontar a estratégia chinesa de “Desenvolvimento Pacífico” com a estratégia norte-americana de “Pivô” para Ásia, que envolve iniciativas políticas, econômicas e militares.

Com vistas a compreender o avanço da presente questão nas relações internacionais, não basta conhecer a estratégia chinesa, mas de conceber como esta se confronta com o

⁴ Objetivando a reconstrução da hegemonia norte-americana na Ásia, sob o governo George W. Bush, a política do PNAC foi sua fonte orientadora.

reposicionamento norte-americano em priorizar a região da Ásia-Pacífico para sua estratégia de manutenção da proeminência mundial.

Por conta disso, delineamos os seguintes objetivos específicos de nossa pesquisa, que se concentra no período correspondente entre os anos 2000 – 2015:

1. Descrever a evolução do relacionamento bilateral de China e Estados Unidos, na qual podem ser encontrados elementos de cooperação, concorrência, e de conflitos;
2. Compreender a lógica por detrás da estratégia diplomática chinesa de “desenvolvimento pacífico”;
3. Compreender o sentido das ações dos Estados Unidos na Ásia-Pacífico e seus impactos na estratégia chinesa;
4. Identificar se efetivamente estamos diante de uma disputa hegemônica na região da Ásia-Pacífico e, se positivo, como ela tende influenciar a ordem mundial.

Para levar adiante nossa investigação, considerando as características de nosso objeto, esta pesquisa se baseou em técnicas qualitativas (básica e exploratória), uma vez que se trata de um processo ainda em curso, cujas variáveis principais (estratégias políticas, econômicas e militares, alianças, pressões de grupos sociais internos, pressões externas de terceiros Estados, etc.) não podem ser conformadas em um único esquema quantitativo, visto que o estabelecimento de correlações acabaria gerando uma quantidade infinita de resultados que teriam pouco potencial explicativo. Nesse sentido, as informações e os dados foram coletados por meio de pesquisa bibliográfica e análise documental, recorrendo-se a fontes primárias e secundárias, correntes e históricas, que possibilitaram a construção de um cenário abrangente sobre o tema. Dentre as fontes com as quais trabalhamos encontram-se livros, documentos públicos e de autoridades governamentais, relatórios produzidos por *think tanks* de ambos os países, periódicos, e artigos científicos e jornalísticos que contribuem à temática. Assim, nosso trabalho se concentrou fundamentalmente no estudo crítico da produção bibliográfica produzida acerca desta temática dentro da perspectiva de certas contribuições teóricas que serão tratadas mais adiante.

Do ponto de vista teórico, incorporamos elementos que tratam de compreender a evolução da economia e da sociedade nos últimos quinhentos anos como um fenômeno de caráter mundial, em que o capital se movimenta e junto a ele a estrutura política que o sustenta. Nesse sentido, julgamos necessário nos valer de abordagens que privilegiam o longo prazo e o busquem compreender o sentido das transformações que ocorrem na

economia mundial. Por isso se justifica a utilização de conceitos da Economia Política Internacional para pensarmos as relações sino-americanas. Por outro, utilizamos as contribuições da Ciência Política que tratam dos conceitos de hegemonia e de sucessão de hegemonias, bem como aquelas relacionadas aos conflitos decorrentes dessas disputas hegemônicas. Apesar de considerarmos nesta discussão a perspectiva de autores de diversas correntes teóricas, consideramos essencial a contribuição de Antonio Gramsci no sentido de estender a reflexão sobre a hegemonia, em princípio, exercida dentro de um Estado Nacional por uma classe dirigente, posteriormente estendida para a disputa entre Estados, sem desconsiderar as forças internas que direcionam a sua atuação internacional.

Prosseguindo, trataremos de detalhar nossos pressupostos teóricos nos parágrafos seguintes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

In international politics benevolent hegemons are like unicorns – there is no such animal. Hegemons love themselves, but others mistrust and fear them – and for good reason.
(Christopher Layne – *The Peace of Illusion*)

A ascensão política e econômica da China é o fato novo que tende a moldar o perfil das relações internacionais no século XXI. Em menos de 40 anos, desde 1978, o país ingressou num forte ritmo de expansão e se tornou a maior economia do mundo em termos de paridade de poder de compra, sendo a segunda em dólares correntes, atrás apenas dos Estados Unidos. Esta emergência também evidencia um deslocamento do centro dinâmico da economia mundial para a região da Ásia-Pacífico, suplantando o predomínio de 500 anos do eixo do Atlântico Norte. Conforme a História nos ensina, na medida em que ocorrem mudanças profundas na base material da economia internacional, simultaneamente ocorrem disputas hegemônicas entre a potência estabelecida e a potência em ascensão, tal como discutimos acerca da “Armadilha de Tucídides”.

No decorrer de nossa pesquisa, vimos que tanto os Estados Unidos como a China têm reestruturado suas estratégias políticas, econômicas e militares para fazer frente às repercussões dessa nova situação. Do ponto de vista da China, verificamos que seu governo tem gradualmente buscado dar respostas às crescentes demandas internas e externas resultantes do seu desenvolvimento acelerado, o que implica em adequar sua diplomacia ao aumento das esferas de influência em níveis regionais e mundiais. Nesse sentido, existe um esforço em perseguir o ideal da ordem mundial multipolar – como observado nas diretrizes oficiais de sua política exterior e no constante aumento da atividade governamental em importantes organizações internacionais – o que implica entrar em competição com as bases da hegemonia mundial dos Estados Unidos. Não obstante, a política externa norte-americana, desde o fim da Segunda Guerra Mundial, tem demonstrado grande aversão ao modelo multilateral de governo, tanto na liderança de dirigentes republicanos, quanto democratas. Por conta disso, as iniciativas tidas como mais assertivas do governo chinês rumo à proteção de seus interesses são vistas com desconfiança pela elite política e intelectual norte-americana, principalmente pelos interesses funcionais que estas escondem.

Destaque-se que, tanto a China quanto os Estados Unidos possuem claros objetivos e interesses na Ásia, e, nesse sentido, vemos a China preocupada com seu entorno regional ao buscar a ampliação não só de relações diplomáticas, mas de relações estratégicas com os países vizinhos, a fim de promover a cooperação em termos econômicos ao buscar construir uma integração física e comercial no seu entorno com a iniciativa OBOR, que busca revitalizar as antigas rotas comerciais da Seda. Por outro lado, vemos os Estados Unidos vivenciando dificuldades econômicas e políticas nos últimos anos, além da perda gradual na capacidade de intervenções unilaterais, e, mesmo assim, reafirmando sua presença na região da Ásia Oriental (garantida militarmente após a Segunda Guerra Mundial, com o vácuo de poder regional deixado pela derrota japonesa). Nesta região, tal como fizeram durante a Guerra Fria, procuram conter o avanço de rivais, antes a URSS, hoje a China, por meio da criação de uma rede alianças regionais, que passa pelo Japão, Coreia do Sul, Taiwan, Filipinas, Indonésia, Austrália, e Nova Zelândia.

É importante ressaltar o aspecto dialético em que emergem as disputas entre Estados Unidos e China. O sucesso econômico do país asiático ocorreu justamente sob a ordem econômica internacional criada e dirigida pelos Estados Unidos, notadamente o processo de globalização econômica. As opções internas foram decisivas no sentido de compreender os ventos da mudança da economia mundial após a crise dos anos 1970, em que o capital passaria a buscar fora dos países industrializados as condições ideais para sua reprodução, tanto do lado da oferta, barateando os custos de produção, como do lado da demanda, ao incorporar centenas de milhões de pessoas ao mercado de consumo global. Os processos de “deslocalização produtiva” e de “terceirização” levaram à China os capitais, as tecnologias e os modelos de gestão com os quais o país tem viabilizado seu forte ritmo de desenvolvimento econômico.

Tal como discutimos anteriormente, não é do interesse da China desestabilizar a ordem internacional e tampouco criar embaraços que possam desviá-la de seu objetivo maior, que é o desenvolvimento nacional em um contexto internacional pacífico e estável. Apesar disso, frente a estratégia norte-americana de reequilíbrio para Ásia, notamos que emerge no país um forte apelo nacionalista, sob o qual, a China procura não somente fazer frente às políticas de contenção econômica e de *encirclement* militar dos Estados Unidos e de seus aliados na região da Ásia-Pacífico, como também procura manter certa estabilidade social no nível doméstico em relação aos desdobramentos das políticas desenvolvimentistas adotadas desde o final dos anos 1970.

É notável que o interesse chinês de se alcançar a “Grande Revitalização da Nação Chinesa” e o “Sonho Chinês”, enfrente cada vez mais adversidades quando é colocada a inevitabilidade do choque na relação do país com os Estados Unidos. Para isso, há a preocupação em estabelecer princípios de inclusão e aprendizado mútuo, além de mitigar as conotações negativas quanto ao Novo Modelo de Relacionamento entre Grandes Potências (NMMPR), modelo este que não é muito bem aceito nos círculos políticos de Washington (ZHAO, S., 2014). Cabe esclarecer que o NMMPR, na perspectiva chinesa, não se trata de estabelecer um “G2”, e sim, de se tentar estabelecer uma relação de paridade entre a China e os Estados Unidos. O modelo seria conformado para evitar a confrontação, admitindo o respeito às áreas tradicionais de influência de cada grande poder, propondo a comunicação multilateral.

No entanto, tal situação de paridade nas relações internacionais é incompatível com as raízes da política externa dos Estados Unidos. Apesar da existência de posições favoráveis, como a de Henry Kissinger, quanto ao relacionamento entre os dois países – devido às possíveis benesses resultantes de um compartilhamento da hegemonia regional na Ásia – ao mesmo tempo, há posições teóricas, como a de John Mearsheimer, que buscam justificar a política de contenção à China, e a rejeição a qualquer partilha de poder na esfera internacional. Há também quem defenda, como Aaron Friedberg, que o comportamento da China, e não dos Estados Unidos, deva ser responsável pelo aumento ou não da força militar norte-americana na Ásia rumo ao reequilíbrio de poder, pois a região do Pacífico seria uma herança do empreendedorismo americano no contexto da independência do país em 1776 .

Notamos que, independentemente do repertório ideológico dos discursos governamentais, a política externa norte-americana, desde meados do século XX, tem sido um instrumento de exportação do tema da “segurança” ou do “inimigo” como forma de respaldo dos interesses corporativos (*lobby* doméstico) que exercem a hegemonia nos assuntos externos do país. Nesse sentido, a valor da hegemonia norte-americana de cunho global é inexorável e defendido até as últimas circunstâncias. A partir do discurso progressista da democracia, da liberdade, e dos direitos humanos, desde a concepção de um “Destino Manifesto” às práticas hegemônicas – notadamente com novo fôlego a partir de 2011 com a estratégia do “Pivô Asiático” – podemos afirmar que a lógica das ações dos Estados Unidos na Ásia-Pacífico frente à China é parte de um projeto de maior alcance, que é o da supremacia mundial. O militarismo e as práticas de *regime change* devem continuar nos países cujas relações de cooperação bilaterais ou multilaterais não estão assentadas em condicionalidades ideológicas ou políticas, principalmente onde há um interesse em recursos estratégicos e de

commodities, e onde a China, em detrimento dos Estados Unidos, possui maiores condições financeiras para atuar, já que não impõe aquelas condições.

Além disso, verificase a perda da capacidade americana de gerar consenso no campo doméstico e internacional quanto à sua liderança mundial, e o aumento das dificuldades internas que o país tem enfrentado nos últimos anos – como aqueles resultantes do efeito de *blowback* e da “superextensão imperial” (*imperial overstretch*), este sinalizado por Paul Kennedy. Assim como apontou Fiori (2007, p. 148), com o estabelecimento de estratégias com o intuito de perseguir inimigos irreais, como aquelas apresentadas nas últimas décadas, o país enfrentará “uma guerra que não terá fim e que será cada vez mais extensa, uma guerra permanente e ‘infinitamente elástica’. Logo, esses são aspectos do prenúncio da decadência da hegemonia mundial dos Estados Unidos.

Os chineses estão cientes das táticas utilizadas pelas lideranças norte-americanas e, além de estabelecerem estratégias para proteger o país de suas políticas invasivas (notáveis ao redor do mundo, principalmente aquelas que continuam ocorrendo no médio Oriente), têm procurado atuar na defesa de seus interesses mais intrínsecos utilizando-se da assertividade em assuntos externos, como já fizeram no passado, e como têm demonstrado nos anos mais recentes.

Diante disso, os principais desafios enfrentados pela China nesse contexto de disputa por hegemonia, a despeito de sua estratégia de desenvolvimento pacífico, são: a) proteger seus interesses, sejam eles de ordem econômica, política, social, e territorial, como forma de conquistar e garantir o seu fortalecimento enquanto nação soberana, conquistando um importante papel na influência internacional; b) evitar o destino de outras potências emergentes no passado que foram desafiadas por meio de guerras, ou seja, evitar a “Armadilha de Tucídides” e, ao mesmo tempo, também evitar o destino dos países comunistas europeus e da extinta União Soviética frente à grande “onda” internacionalista liberal, bélica, e capitalista liderada pelos norte-americanos; c) conquistar a soberania das ilhas em litígio com outros países asiáticos, unificando assim seu território e garantindo a livre circulação de recursos energéticos por via marinha; d) reconquistar a soberania do estreito de Taiwan; e) garantir a hegemonia regional frente aos Estados Unidos e recuperar o espaço perdido após as intervenções estrangeiras a partir do século XIX, constituindo-se assim, como um agente preponderante no cenário regional adquirindo maior influência nas negociações bilaterais e multilaterais do bloco asiático; f) continuar o caminho do desenvolvimento econômico, intelectual, tecnológico, e social e, ao mesmo tempo, garantir certa estabilidade doméstica na centralidade do Partido Comunista da China, e g) constituir

polos alternativos com o estabelecimento de novas organizações internacionais, não necessariamente com vistas apenas à criação de uma ordem multipolar, mas também para contornar os constrangimentos constantes das instituições existentes, garantindo assim, maior poder de operacionalidade nas iniciativas que envolvem também os demais países do globo que sustentam parcerias estratégicas com a China (SUTTER, 2016).

Por conta das “descobertas” realizadas por nossa investigação, faz-se necessário refletir acerca dos termos em que postulamos a hipótese original de nossa dissertação. Diante do risco em se cair numa nova guerra fria, partimos do pressuposto de que os Estados Unidos não se valeriam de estratégias econômicas, políticas, e militares explícitas para conter o avanço chinês rumo à hegemonia na Ásia. Em princípio, a estratégia de *tertius gaudens*, parecia ser mais adequada para evitar uma confrontação aberta. No entanto, tal como procuramos demonstrar no capítulo 3, está em curso a rápida edificação de estruturas militares norte-americanas no entorno da China, somadas às iniciativas de acordos econômicos regionais – não somente no contexto asiático, como o “Pivô Transatlântico” – que buscam excluir a China (e também a Rússia) e revitalizar a hegemonia norte-americana. Apesar de declarar outras intenções por meio de canais oficiais, esses empreendimentos tem o intuito claro de contenção chinesa também por via econômica e militar, mesmo que uma possível corrida armamentista na Ásia conflua para um cenário de Segunda Guerra Fria.

Mas essa estratégia não é isenta de riscos. Diferentemente da extinta União Soviética (cuja economia se encontrava em paralelo com a economia capitalista), o desenvolvimento chinês ocorreu dentro dos parâmetros da economia capitalista liderada pelos Estados Unidos. A China é parte importante da economia mundial, principalmente das estratégias empresariais das companhias multinacionais dos Estados Unidos. Qualquer atitude mais agressiva pode levar a economia mundial a um colapso de proporções imaginadas. Por outro lado, ciente de sua forte expansão material, a China pode hoje buscar um maior grau de autonomia nas decisões internacionais e uma relação em pé de igualdade com os Estados Unidos.

Nesse contexto, a disputa hegemônica, apesar de estar delineada pelo peso assumido por Estados Unidos e China na ordem mundial, é um tema que ainda trará muitos questionamentos e muitas reflexões. Da mesma maneira que o modelo ocidental não se mostrou “universal”, o modelo chinês é de difícil aplicabilidade fora de seu contexto cultural. A influência tecnológica e cultural dos Estados Unidos, por mais que as capacidades econômicas sejam relativamente declinantes, não dá mostra de exaustão. Há relativamente mais chineses estudando inglês do que norte-americanos estudando mandarim e, pelo perfil das modernas cidades chinesas, há muito mais a ocidentalização da paisagem, do que o

contrário. E, no entanto, a História se move no sentido ao Oriente, tal como postulou Giovanni Arrighi ao considerar que o capital encontraria na Ásia as condições para melhor se reproduzir.

Frente às considerações aqui levantadas, tem-se que o resultado dessa disputa hegemônica ainda não é certo, mas esta influenciará a ordem mundial hegemônica vigente a partir dos possíveis desdobramentos desse embate que, inicialmente, se concentra na região da Ásia-Pacífico, local onde a China busca afirmar-se novamente como uma grande potência.

REFERÊNCIAS

- AFP. Quadro comparativo das forças armadas de China, Estados Unidos, Rússia, Índia, Japão e Coreia do Sul. *AFP News Agency*, set. 2015. Disponível em: <<https://twitter.com/afp/status/639300244535054336?lang=pt&lang=pt>>. Acesso em: 23 ago. 2016.
- AIT. Taiwan Relations Act. *American Institute in Taiwan*, 01 jan. 1979. Disponível em: <<https://www.ait.org.tw/en/taiwan-relations-act.html>>. Acesso em: 25 ago. 2016.
- ALLISON, G. *The Thucydides Trap: Are the U.S. and China Headed for War?* *The Atlantic*, 24 sep. 2015. Disponível em: <<http://www.theatlantic.com/international/archive/2015/09/united-states-china-war-thucydides-trap/406756/>>. Acesso em: 20 fev. 2016.
- _____. *China, The US, and the Asia-Pacific*. Opening statement by Dr. Graham T. Allison before The United States Senate Committee On Armed Services at a hearing convened to discuss. Washington (DC). April 14, 2015. Disponível em: http://www.armed-services.senate.gov/imo/media/doc/Allison_04-14-15.pdf. Acesso em 21 set. 2016.
- ANDERSON, P. *Las Antinomias de Antonio Gramsci*. Estado y revolución en Occidente. Barcelona: Fontamara, 1981.
- _____. *A Política Externa Norte-Americana e seus Teóricos*. 1ed. São Paulo: Boitempo, 2015.
- ARMSTRONG, S. Australia and the Future of the Trans –Pacific Partnership Agreement. *Eaber Working Paper Series*, Beijing, n.71, 2011. Disponível em: <<http://www.eaber.org/sites/default/files/documents/EABER%20Working%20Paper%20no.%2071.pdf>>. Acesso em: 15 dez. 2013.
- ARRIGHI, G. *O longo século XX: dinheiro, poder e as origens de nosso tempo*. Rio de Janeiro: Contraponto; São Paulo: Editora UNESP, 1996.
- _____. *Adam Smith em Pequim: origens e fundamentos do século XXI*. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2008.
- AUSTRALIAN GOVERNMENT. Background to the Regional Comprehensive Economic Partnership (RCEP) Initiative. *Australian Government*, 2012. Disponível em: <<http://www.dfat.gov.au/fta/rcep/rcep-background-paper-background.html>>. Acesso em: 28 dez. 2012.
- AVILA, A. L. História e Destino: A Frontier Thesis de Frederick Jackson Turner. *Revista Cena Internacional*, Brasília, v. 7, n. 1, p. 151-169, 2005.
- BAKER, P. Bush Signs India Nuclear Law. *The Washington Post*, 18 dec. 2006. Disponível em: <<http://www.washingtonpost.com/wp-content/article/2006/12/18/AR2006121800233.html>>. Acesso em: 13 jan. 2014.

BARRY, B.; COX, M. China and the US: Comparable Cases of ‘Peaceful Rise’? *The Chinese Journal of International Politics*, Oxford, v. 6, n. 4, p. 109-132, Feb. 2013. Disponível em: <<http://cjp.oxfordjournals.org/content/6/2/109.full.pdf+html>>. Acesso em: 02 jan. 2014.

BBC NEWS. Why is the South China Sea contentious? *BBC*, 12 jul. 2016. Disponível em: <<http://www.bbc.com/news/world-asia-pacific-13748349>>. Acesso em: 15 jul. 2016.

BHAGWATI, J. America’s Threat to Trans-Pacific Trade. *Project Syndicate*, Prague, 2011. Disponível em: <<http://www.project-syndicate.org/commentary/america-s-threat-to-trans-pacific-trade>>. Acesso em: 14 dez. 2013.

BRAUDEL, F. *A Dinâmica do Capitalismo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.

_____. *Escritos sobre a História*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1969.

_____. *Civilização Material, economia e capitalismo: séculos XV-XVIII*. São Paulo: Martins Fontes, 1996. 3 v.

BRECHT, B. *Poemas 1913-1956*. 7 ed. São Paulo: Editora 34, 2012. 360 p.

BRENNER, R. *O Boom e a Bolha*. Rio de Janeiro: Record, 2003.

BRZEZINSKI, Z. *Strategic Vision*. New York: Basic Books, 2012.

BRUNET, A.; GUICHARD, J. P. *O Objetivo Hegemônico da China: O Imperialismo Económico*. Coimbra: Actual Editora, 2012.

BONDAZ, A.; GODEMENT, F. Explaining China’s Foreign Policy Reset. *European Council on Foreign Relations (ECFR) / China Centre*. Apr. 2015. Disponível em: <http://www.ecfr.eu/publications/summary/explaining_chinas_foreign_policy_reset3001>. Acesso em: 12 jun. 2015.

BUSH, R. C. The United States and China: A G-2 in the Making? *Brookings Institutions*, 11 oct. 2011. Disponível em: <<https://www.brookings.edu/articles/the-united-states-and-china-a-g-2-in-the-making/>>. Acesso em: 20 ago. 2016.

CALLAHAN, W. A. Chinese Visions of World Order: Post-hegemonic or a New Hegemony? *International Studies Review*, n. 10, p. 749-761, 2008. Disponível em: <<http://williamacallahan.com/wp-content/uploads/2010/10/Callahan-TX-ISR-08.pdf>>. Acesso em: 12 jul. 2016.

CFR. China's Maritime Disputes. *Council on Foreign Relations*, feb. 2016. Disponível em: <<http://www.cfr.org/asia-and-pacific/chinas-maritime-disputes/p31345#1/p31345>>. Acesso em: 28 oct. 2016.

CHINA DAILY. China, US hold first strategic dialogue (Xinhua). *China Daily*, 01 aug. 2005. Disponível em: <http://www.chinadaily.com.cn/english/doc/2005-08/01/content_465318.htm>. Acesso em: 19 out. 2016.

_____. No decision on US missile deployment: S Korea. *China Daily Asia*, 05 sep. 2014. Disponível em: <http://www.chinadailyasia.com/asia/2014-09/05/content_15163798.html>. Acesso em: 04 nov. 2016.

_____. Full text: China's Military Strategy. *China Daily*, 26 may 2015. Disponível em: <http://m.chinadaily.com.cn/en/2015-05/26/content_20820628.htm>. Acesso em: 24 jun. 2015.

CHINA. ORG. CN. China's Peaceful Development Road. *Information Office of the State Council of the People's Republic of China*, 12 dec. 2005. Disponível em: <<http://www.china.org.cn/english/features/book/152684.htm>>. Acesso em: 10 dez. 2013.

CLINTON, H. America's Pacific Century. *Foreign Policy*, Washington DC, 2011. Disponível em: <<http://www.foreignpolicy.com/articles/2011/10/11/americas-pacific-century>>. Acesso em: 30 mar. 2012.

COHEN, W. I. *America's Response to China: An Interpretative History of Sino-American Relations*. 1 ed. New York: John Wiley & Sons, 1971.

COX, R. W. Gramsci, hegemony and internacional relations: an essay in method. In: GILL, Stephen (ed.). *Gramsci, Historical Materialism and International Relations*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993. p. 49-66.

_____. Social forces, states, and world orders: beyond international relations theory. In: COX, R. W.; SINCLAIR, T. J. (Orgs.). *Approaches to World Order*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996. p. 85-123.

DE CASTRO, R. C. Clashing american images of an emergent China and 21st –Century China – ASEAN Relations: 2001-2008. *International Journal of Studies China*, Manila, v. 2, n. 3, p. 601-623, 2011.

DENG, Z.; ZHENG, Y. China reshapes the world economy. In: WANG, G.; ZHENG, Y. (orgs.). *China and the New International Order*, New York: Routledge, 2008.

ELEK, A. US Commits to ASEAN Integration. *East Asia Forum*, Canberra, 2012. Disponível em: <<http://www.eastasiaforum.org/2012/11/25/us-commits-to-asean-integration/>>. Acesso em: 12 nov. 2012.

ENGLISH. GOV. CN. China's Peaceful Development. *The People's Republic of China*, Beijing, 2001. Disponível em: <http://english.gov.cn/official/2011-09/06/content_1941354.htm>. Acesso em: 12 dez. 2013.

FAIRBANK, J. K. ; GOLDMAN, M. *China: uma nova história*. Porto Alegre: L&PM, 2007.

FARIA, L. A. E. O valor do conceito de hegemonia para as relações internacionais. *Austral: Revista Brasileira de Estratégia e Relações Internacionais*, v. 2, n.3, jan./jul. 2013. p. 209-232.

FAS (FEDERATION OF AMERICAN SCIENTISTS). *A National Security Strategy for a New Century*. Washington DC, 1997. Disponível em: <<http://www.fas.org/man/docs/strategy97.htm>>. Acesso em: 03 jan. 2014.

_____. *The Issue of South China Sea*. Washington DC, 2000. Disponível em: <<http://www.fas.org/news/china/2000/china-000600.htm>>. Acesso em: 05 dez. 2012.

FENG, H. *Chinese Strategic Culture and Foreign Policy Decision-Making: Confucianism, leadership and war*. Abingdon: Routledge, 2007.

FERGUSSON, I.; VAUGHN, B. The Trans-Pacific Partnership Agreement. *Congressional Research Service*, Washington DC, Dec. 2011. Disponível em: <<https://www.fas.org/sgp/crs/row/R40502.pdf>>. Acesso em: 28 dez. 2012.

FRIEDBERG, A. L. *A Contest For Supremacy: China, America, and the Struggle for Mastery in Asia*. New York; London: W.W. Norton & Company, 2012.

_____. *Beyond Air-Sea Battle: The Debate Over US Military Strategy in Asia*. Abingdon; London: IISS/Routledge, 2014.

FIORI, J. L. *O Poder Global e a Nova Geopolítica das Nações*. 1ed. São Paulo: Boitempo, 2007.

_____. *História, estratégia e desenvolvimento: para uma geopolítica do capitalismo*. 1 ed. São Paulo: Boitempo, 2014.

FOOT, R. Estratégias chinesas em uma ordem global hegemônica: acomodação e hedging. In: HURREL, A. et al. *Os Brics e a ordem global*. 1. ed. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2009. p. 125-151.

FURTADO, D. A mão e a luva: a China Anti-reacionária e a Doutrina Nixon. *Estudos Históricos*, vol. 23, n. 46, July/Dec. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-21862010000200007>. Acesso em: 18 oct. 2015

GALEANO, E. H. *Os filhos dos dias*. 3 ed. Porto Alegre: L&PM, 2014. 432 p.

GARRET, G. G2 in G20: China, the United States and the World after the Global Financial Crisis. *Global Policy*, vol 1. Iss. 1, jan. 2010. Disponível em: <<http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1758-5899.2009.00014.x/pdf>>. Acesso em: 20 ago. 2016.

GARVER, J. W. *China's Quest: The History of The Foreign Relations of the People's Republic of China*. New York: Oxford University Press, 2016.

GLASER, B. S.; MEDEIROS, E. S. The Changing Ecology of Foreign Polity-Making in China: The Ascension and Demise of the Theory of "Peaceful Rise". *The China Quarterly*, Cambridge, v. 190, p. 291-310, jun. 2007. Disponível em: <<http://journals.cambridge.org/action/displayAbstract?fromPage=online&aid=1209440>>. Acesso em: 12 dez. 2013.

GRAMSCI, A. *Maquiavel, A Política e o Estado Moderno*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

_____. *Cadernos do Cárcere*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

GRUPPI, L. *Tudo começou com Maquiavel*. 14 ed. Porto Alegre: L&PM, 1996.

_____. *Conceito de hegemonia em Gramsci*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1978.

GUOYOU, S.; WEN, J.Y. China's Free Trade Agreement Strategies. *The Washington Quarterly*, Washington, v. 35, n. 4, p. 107-119, 2012. Disponível em: <<http://csis.org/publication/twq-chinas-free-trade-agreement-strategies-fall-2012>>. Acesso em: 18 dez. 2012.

HENFIL, (Henrique de Souza Filho). *Henfil na China* (antes da Coca Cola). Rio de Janeiro: Círculo do Livro, 1980.

HOBBSAWM, E. J. *A Era das Revoluções, 1789-1848*. 25 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

HOU, Q. Statement by the Government of the People's Republic of China on Establishing the East China Sea Air Defense Identification Zone. *Xinhuanet*, 23 nov. 2013. Disponível em: <http://news.xinhuanet.com/english/china/2013-11/23/c_132911635.htm>. Acesso em: 06 jan. 2014.

HSU, C. The Spring and Autumn Period. In: LOEWE, M.; SHAUGHNESSY, E. L. (eds.). *The Cambridge History of Ancient China: From the Origins of Civilization to 221 B.C.* Cambridge: Cambridge University Press, 1999. p. 545-586.

HU, A. Embracing China's "New Normal": Why the Economy Is Still on Track. *Foreign Affairs*. May/June. 2015. Disponível em: <<https://www.foreignaffairs.com/articles/china/2015-04-20/embracing-chinas-new-normal>>. Acesso em: 01 set. 2016.

HUNG, M.; LIU, T.T. Sino-U.S. Strategic Competition in Southeast Asia: China's Rise and U.S. Foreign Policy Transformation since 9/11. *Political Perspectives*, Manchester, v. 5, n. 3, p. 96-119, 2011.

HURRELL, A. Pax Americana ou o Império da insegurança? *Revista Brasileira de Política Internacional*, Brasília, v. 48, n. 2, p. 30-54, Jul./ Dec. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-73292005000200002>. Acesso em: 10 dez. 2013.

INTERNATIONAL MONETARY FUND. World Economic Outlook. *IMF*. World Economic Outlook Database, Oct. 2014. Disponível em: <http://www.imf.org/external/pubs/ft/weo/2014/02/weodata/weorept.aspx?pr.x=69&pr.y=8&sy=1980&ey=2019&scsm=1&ssd=1&sort=country&ds=.&br=1&c=924%2C111&s=NGDP_RPCH%2CNGDPD%2CPPPGDP&grp=0&a=>>. Acesso em: 01 oct. 2016.

JACQUES, M. *When China Rules the World: The End of the Western World and the Birth of a New Global Order*. New York: The Penguin Press, 2009.

JOHNSON, Chalmers. *Blowback: os custos e as consequências do império americano*. Rio de Janeiro: Record, 2007.

KAPLAN, R. While U.S. is distracted, China develops sea power. *Washington Post*, Washington DC, 2010. Disponível em: <<http://www.washingtonpost.com/wp-dyn/content/article/2010/09/24/AR2010092404767.html>>. Acesso em: 12/02/2012.

KENNEDY, P. *Ascensão e queda das grandes potências: transformação econômica e conflito militar de 1500 a 2000*. 2. ed. Rio de Janeiro: Campus, 1989.

KERRY, J. Remarks on a 21st Century Pacific Partnership. *U.S. Department of State*, 15 apr. 2013. Disponível em: <<http://www.state.gov/secretary/remarks/2013/04/207487.htm>>. Acesso em: 27 nov. 2013.

KEYNES, J. M. *As Consequências Econômicas da Paz*. Brasília: UnB/IPRI, 2002. (Coleção Clássicos IPRI)

KISSINGER, H. *Sobre a China*. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2011

_____. *Diplomacia*. 3. ed. Lisboa: Gradiva, 2007.

LAYNE, C. *The Peace of Illusion: American Grand Strategy from 1940 to the Present*; Ithaca; London: Cornell University Press, 2006.

LENG, C.C. China right to increase defense spending. *China Daily*, 11 mar. 2016. Disponível em: <http://www.chinadaily.com.cn/opinion/2016-03/11/content_23822921.htm>. Acesso em: 02 nov. 2016.

LI, H.; MA, L. *China Dream*. Anhui: Huangshan Publishing House, 2014.

LI, Y. US, China can adapt to each other. *Global Times*. 06 jul. 2016. Available at: <<http://www.globaltimes.cn/content/992539.shtml>>. Acesso em: 07 jul. 2016.

LIN, Y. *Minha Terra e Meu Povo*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti, 1939.

LIY, M. V. China desafia seus vizinhos com uma ‘grande muralha’ de ilhas artificiais. *El País*, abr. 2015. Disponível em: <http://brasil.elpais.com/brasil/2015/04/10/internacional/1428666875_884351.html>. Acesso em: 20 jul. 2015.

MANNING, R.; PRZYSTUP, J. What is China’s endgame? *East Asia Forum*, Canberra, 2013. Disponível em: <<http://www.eastasiaforum.org/2013/08/20/what-is-chinas-endgame/>>. Acesso em: 27 dez. 2013.

MEDEIROS, E. S.; FRAVEL, T. China’s New Diplomacy. *Foreign Affairs*, nov/dec, 2003. Disponível em: <<https://www.foreignaffairs.com/articles/asia/2003-11-01/chinas-new-diplomacy>>. Acesso em: 18 jun. 2015.

MCCORMICK, T. J. *America’s Half-Century*. United States Foreign Policy in The Cold War and After. 2ed. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1995.

MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES. BRICS e África: Parceria para o Desenvolvimento, Integração e Industrialização - Declaração de e-Thekwini. *V Cúpula do BRICS*. Durban, 27 mar. 2013.

MONIZ BANDEIRA, L. A. A Segunda Guerra Fria: geopolítica e dimensão estratégica dos Estados Unidos – Das rebeliões na Eurásia à África do Norte e ao Oriente Médio. 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

MOYO, D. *O vencedor leva tudo*: A corrida chinesa por recursos e seu significado para o mundo. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013.

MURPHY, C. N. *Organização internacional e mudança industrial*: governança global desde 1850. 1 ed. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

OLIVEIRA, A. P. A reorientação estratégica dos EUA para a Ásia-Pacífico. *Política Externa*, São Paulo, v. 21, n. 4, p. 143-156, Abr/Jun. 2013.

PANETTA, L. El reequilibrio de EEUU hacia El Pacífico. *El Pais*, Madrid, 03 jan. 2013. Disponível em: <http://elpais.com/elpais/2013/01/03/opinion/1357220050_506460.html>. Acesso em: 10 jan. 2013.

PARAMESWARAN, P. America's New Maritime Security Initiative for Southeast Asia, *The Diplomat*, 02 apr. 2016. Disponível em: <<http://thediplomat.com/2016/04/americas-new-maritime-security-initiative-for-southeast-asia/>>. Acesso em: 01 jul. 2016.

PATTON, M. China's Economy Will Overtake The U.S. in 2018. *Forbes*, 29 Apr. 2016. Disponível em: <<http://www.forbes.com/sites/mikepatton/2016/04/29/global-economic-news-china-will-surpass-the-u-s-in-2018/#24bcf669474b>>. Acesso em: 20 ago. 2016.

PECEQUILO, C. S. As Grandes Estratégias dos Estados Unidos (1989/2010). IBRI/Meridiano 47, Brasília, n. 47, Jul. 2010. Disponível em: <<http://www.ibri-rbpi.org/?p=2575>>. Acesso em: 18 jan. 2014.

_____. Os Estados Unidos e o século XXI. 1 ed. Rio de Janeiro: Campus/Elsevier, 2012.

PEYREFITTE, A. *O império imóvel*. Rio de Janeiro: Casa Jorge Editorial, 1997.

PINTO, E. C. O eixo Sino-Americano e as Transformações do Sistema Mundial: Tensões e Complementaridades Comerciais, Produtivas e Financeiras, In: PINTO, E. C., LEÃO, R. P. F.; ACIOLY, L. (Orgs.). *A China na Nova Configuração Global*: impactos políticos e econômicos. Brasília: Ipea, 2011. p. 19-77. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/livros/livro_achinaglobal.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2013.

PIRES, M. C. Desenvolvimento Pacífico Chinês frente à estratégia de “um século americano no Pacífico”. *Brazilian Journal of International Relations*, Marília, v. 2, n. 3, p. 463-482, set/dez. 2013. Disponível em: <<http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/bjir/article/view/3387>>. Acesso em: 23 dez. 2013.

RAND CORPORATION. Project Air Force: An Interactive Look at the US-China Military Scorecard. *Rand*, sep. 2015. Disponível em: <<http://www.rand.org/paf/projects/us-china-scorecard.html>>. Acesso em: 23 ago. 2016.

RAJENDRAN, G. Giri Rajendran: Russia and China drive global defence-spending increases in 2015. *The International Institute for Strategic Studies (IISS)*, 09 feb. 2016. Disponível em: <<https://www.iiss.org/en/militarybalanceblog/blogsections/2016-629e/february-f0ed/russia-and-china-drive-global-defence-spending-increases-in-2015-8631>>. Acesso em: 10 out. 2016.

RESENDE, E. Uma Análise da Doutrina Bush no Décimo Aniversário do Onze de Setembro. *Textos & Debates*, Boa Vista, v.1, n. 18, p. 7-18, 2012. Disponível em: <<http://revista.ufr.br/index.php/textosedebates/article/view/1167>>. Acesso em: 03 jan. 2014.

SCHUMPETER, J. A. *Capitalismo, Socialismo e Democracia*. Rio de Janeiro: Editora Fundo de Cultura, 1961.

SHAMBAUGH, D. *China Goes Global: the partial power*. New York: Oxford University Press, 2013.

SIIS Project Team. *China's Diplomacy: Global Strategy (2013-2023)*, Shanghai: Shanghai Institutes for International Studies, 2013.

SILVER, B.; ARRIGHI, G. O fim do longo século XX. In: VIEIRA, P. A.; VIEIRA, R. L.; FILOMENO, F. A. (Orgs.). *O Brasil e o capitalismo histórico: passado e presente na análise dos sistemas-mundo*. 1. ed. São Paulo: Cultura Acadêmica Editora, 2012. p. 77-96.

SINEDINO, G. *Os Analectos/ Confúcio*. 1ed. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

SIPRI. The United States leads upward trend in arms exports, Asian and Gulf states arms imports up, says SIPRI, *Stockholm International Peace Research Institute* (Sipri). [online] 16 mar, 2015. Disponível em: <<https://www.sipri.org/media/press-release/2015/united-states-leads-upward-trend-arms-exports-asian-and-gulf-states-arms-imports-says-sipri>>. Acesso em: 06 jul. 2016.

SPENCE, J. D. *Em busca da China Moderna: quatro séculos de história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SPYKMAN, N. J. *America's Strategy in World Politics: the United States and the balance of power*. New Brunswick: Transaction Publishers, 2008.

STEPHANSON, A. *Manifest Destiny: American expansionism and the empire of right*. 1ed. New York: Hill and Wang, 1995.

STIGLITZ, J. *Os exuberantes anos 90: Uma nova interpretação da década mais próspera da história*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

STRATFOR. China's Long March Into Central Asia. *Stratfor*, 27 abr. 2016. Disponível em: <<https://www.stratfor.com/sample/analysis/chinas-long-march-central-asia?amp%3Buuid=62381f86-9f8d-4438-86ac-27628bd0d52d&id=%2A%7CLIST%3AUID%7C%2A>>. Acesso em: 20 jul. 2016.

SUETTINGER, R. L. The Rise and Descent of "Peaceful Rise". *China Leadership Monitor*, Stanford, n. 12, Oct. 2004. Disponível em: <<http://www.hoover.org/publications/china-leadership-monitor/article/7739>>. Acesso em: 10 dez. 2013.

SUTTER, R. G. *Chinese Foreign Relations: power and policy since the Cold War*. 4 ed. Lanham: Rowman & Littlefield, 2016.

SWAINE, M. D. Xi Jinping's Address to the Central Conference on Work Relating to Foreign Affairs: Assessing and Advancing Major-Power Diplomacy with Chinese Characteristics. *China Leadership Monitor*, n. 46, Mar. 2015. Disponível em: <<http://www.hoover.org/publications/china-leadership-monitor/spring-2015-issue-46>>. Acesso em: 18 jul. 2015.

SUZUKI, C. et al. China: Qing Society. In: *Encyclopaedia Britannica*. [online]. Disponível em: <<https://global.britannica.com/place/China/Education#toc71022>>. Acesso em: 05 oct. 2016.

TAYLOR, A. Chart: U.S. defense spending still dwarfs the rest of the world. *The Washington Post*, 11 feb. 2015. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/news/worldviews/wp/2015/02/11/chart-u-s-defense-spending-still-dwarfs-the-rest-of-the-world/?utm_term=.05a7cb1f4e46>. Acesso em: 04 nov. 2016.

THE ECONOMIST. Catching the eagle: Chinese and American GDP forecasts. *The Economist*, 22 aug. 2014. Disponível em: <<http://www.economist.com/blogs/graphicdetail/2014/08/chinese-and-american-gdp-forecasts>>. Acesso em: 20 ago. 2016

_____. Our bulldozers, our rules. *The Economist*, 02 jul. 2016. Disponível em: <<http://www.economist.com/node/21701505/>>. Acesso em: 05 jul. 2016.

THE WHITE HOUSE. National Security Strategy. *The White House*, may, 2010. Disponível em: <http://www.whitehouse.gov/sites/default/files/rss_viewer/national_security_strategy.pdf>. Acesso em: 28 dez. 2013.

_____. Fact Sheet: The U.S.–ASEAN Expanded Economic Engagement (E3) Initiative. *The White House*, 19 nov. 2012. Disponível em: <www.whitehouse.gov/the-press-office/2012/11/19/fact-sheet-us-asean-expanded-economic-engagement-e3-initiative>. Acesso em: 12 nov. 2012.

_____. Fact Sheet: US-ASEAN Economic Engagement. The White House, 21 nov. 2015. Disponível em: <<https://www.whitehouse.gov/the-press-office/2015/11/21/fact-sheet-us-asean-economic-engagement>>. Acesso em: 31 oct. 2016.

_____. Fact Sheet: The 2015 National Security Strategy. The White House, 06 feb. 2015. Disponível em: <<https://www.whitehouse.gov/the-press-office/2015/02/06/fact-sheet-2015-national-security-strategy>>. Acesso em: 05 nov. 2016.

TODD, E. *Após o Império: ensaio sobre a decomposição do sistema americano*. Lisboa: Edições 70, 2002.

UNITED STATES SENATE. Constitution of the United States. *United States Senate*, 1994. Disponível em: <http://www.senate.gov/civics/constitution_item/constitution.htm>. Acesso em: 10 out. 2015.

USAID. *USAID Cooperation with the Association of Southeast Asian Nations (ASEAN)*. Washington DC, 2013. Disponível em: <<http://www.usaid.gov/news-information/fact-sheets/usaid-cooperation-association-southeast-asian-nations-asean>>. Acesso em: 21 nov. 2013.

US DEPARTMENT OF STATE. Southeast Asia Maritime Law Enforcement Initiative. *U.S. Department of State*, 10 apr. 2015. Disponível em: <<http://m.state.gov/md240798.htm>>. Acesso em: 06 jul. 2016.

_____. The US-ASEAN Expanded Economic Engagement (E3) Initiative. *U.S. Department of State*, 09 oct. 2013. Disponível em: <<http://www.state.gov/r/pa/prs/ps/2013/10/215235.htm>>. Acesso em: 12 ago. 2015.

USTR. Trans-Pacific Partnership Announcement. *Office of the United States Trade Representative*. Washington DC, 2009. Disponível em: <<http://www.ustr.gov/about-us/press-office/press-releases/2009/december/trans-pacific-partnership-announcement>>. Acesso em: 22 dez. 2012.

_____. Outlines of the Trans-Pacific Partnership Agreement. *Office of the United States Trade Representative*. Washington DC, 2011. Disponível em: <<http://www.ustr.gov/about-us/press-office/fact-sheets/2011/november/outlines-trans-pacific-partnership-agreement>>. Acesso em 22 dez. 2012.

VIGEVANI, T.; OLIVEIRA, M. F. ; MARIANO, M. P. Origens dos Instrumentos de Formulação da Política Comercial Norte-Americana. *Rev. Sociol. Polít.*, Curitiba, n. 20, p. 43-54, jun. 2003.

VISENTINI, P. F. et al. O Verão Árabe: guerra civil e intervenção internacional na Líbia, Síria e Iêmen. *Ciências & Letras*, Porto Alegre, n. 51, p. 57-79, jan./jun. 2012. Disponível em: <<http://seer3.fapa.com.br/index.php/arquivos/article/view/137>>. Acesso em: 13 jan. 2016.
VIZENTINI, P.; WIESEBRON, M. (orgs.) *Neohegemonia Americana ou multipolaridade? Polos de poder e sistema internacional*. 1. ed. Porto Alegre: UFRGS, 2006. 240 p.

WALLERSTEIN, I. *Capitalismo histórico e Civilização capitalista*. 1. ed. Rio de Janeiro: Contraponto, 2001.

_____. *O declínio do poder americano: os Estados Unidos em um mundo caótico*. 1. ed. Rio de Janeiro: Contraponto, 2004.

_____. Análisis de Sistemas-Mundo. *UNAM*, Observatório Latinoamericano de Geopolítica, México. 2006. Disponível em: <http://geopolitica.iiec.unam.mx/sites/geopolitica.iiec.unam.mx/files/analisis_de_sistemas_wallerstein_0.pdf>. Acesso em: 09 mar. 2015.

WANG, H. H. *The Chinese Dream: The Rise of the World's Largest Middle Class and What it Means to You*. Oakland: Berret-Koehler Publishers, 2010.

WANG, J. China's Search for a Grand Strategy. *Foreign Affairs*, 20 feb. 2011. Disponível em: <<https://www.foreignaffairs.com/articles/china/2011-02-20/chinas-search-grand-strategy>>. Acesso em: 10 apr. 2015.

- WANG, Y.; PAULY, L. Chinese IPE debates on (American) hegemony. *Review of International Political Economy*, Toronto, v. 20, n. 6, p. 1-24, Mar. 2013. Disponível em: <[http://munkschool.utoronto.ca/pauly/selected_publications/Chinese%20IPE%20Debates%20on%20\(American\)%20Hegemony.pdf](http://munkschool.utoronto.ca/pauly/selected_publications/Chinese%20IPE%20Debates%20on%20(American)%20Hegemony.pdf)>. Acesso em: 06 jan. 2014.
- WANG, Y. The myth of Chinese exceptionalism. *Foreign Policy*, 06 Mar. 2012. Disponível em: <http://foreignpolicy.com/2012/03/06/the-myth-of-chinese-exceptionalism/?wp_login_redirect=0>. Acesso em: 17 apr. 2016.
- WEN, J. Turning Your Eyes to China – Speech by Premier Wen Jiabao at Harvard University. 10 dec. 2003. *Permanent Mission of the People's Republic of China to the UN*. Disponível em: <<http://www.fmprc.gov.cn/ce/ceun/eng/zt/wfm/t56090.htm>>. Acesso em: 17 apr. 2016
- WHITE, H. US as first among equals not good enough for China. *East Asia Forum*, Canberra, 2013. Disponível em: <<http://www.eastasiaforum.org/2013/08/27/us-as-first-among-equals-not-good-enough-for-china/>>. Acesso em: 23 dez. 2013.
- WILFORD, H. *The mighty wurlitzer: how the CIA played America*. Cambridge; London: Harvard University Press, 2008.
- WILLIAMS, R. *Palabras Clave. Un Vocabulário de La Cultura Y La Sociedad*. 1ed. 1. Reimp. Buenos Aires: Nueva Visión, 2003. 336 p.
- WILLIAMS, W. A. *Empire as a way of life*. New York: Ig Publishing, 2007.
- WONG, E. China Quietly Extends Footprints Into Central Asia. *The New York Times*, 02 jan. 2011. Disponível em: <http://www.nytimes.com/2011/01/03/world/asia/03china.html?_r=0>. Acesso em: 26 jul. 2016.
- WONG, L. F. China-ASEAN and Japan-ASEAN relations during de the Cold War Era. *The Chinese Journal of International Politics*, Oxford, v. 1, n. 3, p. 373-404, 2007. Disponível em: <<http://cjpj.oxfordjournals.org/content/1/3/373.full>>. Acesso em: 05 dez. 2012.
- XINHUA. Full text of Constitution of Communist Party of China. News of The Communist Party of China. *Xinhua*, mar. 2013. Disponível em: <<http://english.cpc.people.com.cn/206972/206981/8188065.html>>. Acesso em: 18 apr. 2016.
- _____. Xi eyes more enabling int'l environment for China's peaceful development, *Xinhuanet*, [online] 30 nov. 2014. Disponível em: <http://news.xinhuanet.com/english/china/2014-11/30/c_133822694.htm>. Acesso em: 18 jul. 2015
- XU, K. Early Confucian Principles: the Potential Theoretic Foundation of Democracy in Modern China. *Asian Philosophy*, n.16, v. 2, p. 135-148, 2006. Disponível em: <<http://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/09552360600772793?journalCode=casp20#.VxaoMvkrLIU>> Acesso em: 10 feb. 2016.

YAMEI, W. Chinese President meets deputies for military meetings, *Xinhuanet*, 06 dec. 2011. Disponível em: <http://news.xinhuanet.com/english/china/2011-12/06/c_131291648.htm>. Acesso em: 12 nov. 2012.

YAN, X. *Ancient Chinese Thought, Modern Chinese Power*. Princeton: Princeton University Press, 2013.

ZHAO, S. Construindo um novo modelo de relações entre grandes potências e a concorrência entre China e EUA na Ásia Pacífico. *Política Externa*, vol. 23, n.2, out/nov/dec, 2014. Disponível em:< <http://politicaexterna.com.br/2601/construindo-um-novo-modelo-de-relacoes-entre-grandes-potencias-e-concorrencia-entre-china-e-eua-na-asia-pacifico/>>. Acesso em: 11 nov. 2015.

ZHAO, T. Rethinking Empire from a Chinese Concept ‘All-under-Heaven’ (Tianxia). *Social Identities*, vol. 12, n. 1, p. 29-41, Jan. 2006. Disponível em <<http://www.ou.edu/uschina/texts/Zhao.2006.SI.Tianxia.pdf>>. Acesso em: 17 apr. 2016.

ZHENG, B. China’s Peaceful Rise: Speeches of Zheng Bijian 1997- 2004. *Brookings*, Washington DC, 2005. Disponível em: <<http://www.brookings.edu/fp/events/20050616bijianlunch.pdf>>. Acesso em: 28 dez. 2013.